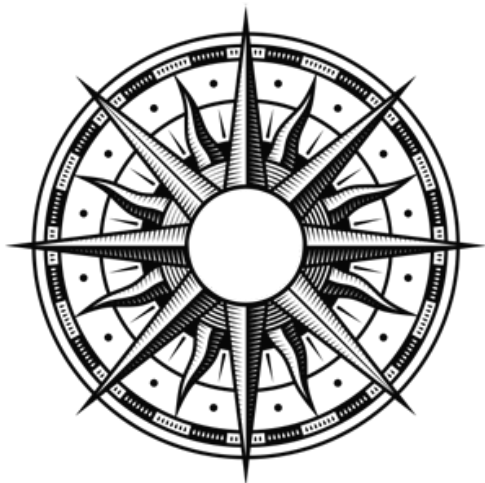




PRÓLOGO

28°42'N 88°08'E

Proximidades do Monte Kinchinjinga, Nepal

Primeira metade do século XIX

ERA A SEXTA EXPEDIÇÃO DE BRIAN HODGSON às montanhas do Nepal. Representante britânico para os correios, Hodgson vivera os últimos anos em Katmandu, de onde partia regularmente para explorar as regiões vizinhas. Como naturalista, já havia descoberto mais de uma centena de aves e quase cinquenta mamíferos, incluindo um porco pigmeu e o antílope tibetano (*Pantholops hodgsonii*), que fora batizado em sua homenagem. Nos últimos anos, no entanto, estivera trabalhando em conjunto com a *Royal Asiatic Society* para estudar a topografia da região.

A sociedade estava convencida de que o pico Kinchinjinga, o mais alto da região, também seria o mais alto do mundo. Para confirmar a teoria da agremiação, era preciso escalar montanhas próximas com um teodolito e medir as distâncias entre as posições. Era uma operação demorada, complexa e cara. Enquanto os carregadores levavam e montavam os

pesadíssimos instrumentos, Hodgson aproveitava o tempo para explorar a região com um guia local, Lhakpa Sherpa. A fauna e a flora diminuía consideravelmente a altas altitudes, mas sempre era possível encontrar algum animal novo, e Hodgson, como naturalista, não deixaria passar a oportunidade.

Eles deixaram as barracas cedo pela manhã. O teodolito, que pesava quase trezentos quilos, seria posicionado em outro ponto, já predeterminado. Isso significava três dias de trabalho duro e aborrecido. Hodgson deixou o seu assistente encarregado da transferência e partiu com Lhakpa para uma pequena excursão. Levaram uma barraca para passar a noite e provisões que durariam, no máximo, quatro dias. O guia lhe dissera que havia um vale profundo alguns quilômetros ao norte, onde um rio só congelava nos invernos mais rigorosos. Era um ambiente perfeito para as suas pesquisas naturalistas.

Mas tudo mudou durante a primeira noite nas montanhas. Uma forte tempestade provocou um deslizamento, obstruindo a trilha que os levaria de volta ao acampamento dos engenheiros. A expedição foi imediatamente abandonada. Para contornar a montanha, seria preciso quase uma semana. Eles racionaram as provisões, guardaram os equipamentos e seguiram morro acima, por uma trilha pouco usada, a não ser por algum caçador ocasional.

O silêncio nas montanhas era sepulcral. Lhakpa lhe disse que deslizamentos e avalanches eram comuns na região e, por dias, as montanhas prestariam a sua homenagem aos mortos. Hodgson sorriu e nada disse; estava acostumado às crendices pouco ortodoxas dos povos que viviam nas montanhas. Mesmo assim, em seu íntimo, foi obrigado a concordar. Parecia que o mundo inteiro havia sido engolido pela neve, deixando apenas o uivo do vento para trás.

Na primeira noite nas montanhas, abrigados dentro da barraca erguida junto a um pequeno bosque de pinheiros, os últimos remanescentes da flora que veriam pelos próximos dias, os dois foram acordados por um uivo agudo

e doído. Hodgson atirou para longe os cobertores e pegou o seu rifle com os olhos bem abertos e atentos. Ele tentou acender a lanterna, mas foi impedido por Lhakpa, que segurou as suas mãos.

— Não. Luz vai atrair ele — disse Lhakpa, com a voz sussurrada e débil.

Hodgson apertou ainda mais a mão ao redor do cabo do rifle ao ouvir um segundo uivo, que parecia mais perto. Ele engatilhou a arma e Lhakpa chacoalhou a sua mão novamente.

— Não — ele pediu uma segunda vez.

Ele estava prestes a reclamar, quando notou algo. Sua mão continuava chacoalhando, mas não era o guia que chamava a sua atenção. Na verdade, Lhakpa estava tremendo. Um homem acostumado a um dos ambientes mais inóspitos do planeta estava tremendo de medo.

Eles permaneceram em silêncio por alguns segundos até ouvirem algo se aproximar. Havia uma respiração pesada do lado de fora e o som de passos estranhos rondando o acampamento. Aquilo durou uns quinze minutos e, então, o som foi embora.

— O que era aquilo? — perguntou Hodgson ao guia, quando este largou a sua mão.

— *Mi-goh* — murmurou Lhakpa, voltando para as cobertas com uma expressão taciturna.

— *Mi-goh*? O que é isso? Um urso?

— Não urso. *Mi-goh*.

E foi só isso que Hodgson conseguiu tirar do velho guia naquela noite. Ele dormiu muito pouco e manteve o rifle perto do travesseiro. Quando os primeiros raios de sol atingiram as montanhas, ele deixou as cobertas, vestiu-se e saiu.

Os equipamentos estavam intactos, assim como a pequena pilha de pedras que servira como fogareiro na noite anterior. Hodgson não era um caçador e tampouco poderia ser considerado um *expert* em trilhas selvagens. Mas ele sabia reconhecer uma pegada quando via uma.

Diversos rastros circulavam em volta do acampamento, possivelmente da criatura que os espreitara. Eram pegadas compridas e grossas, com cinco dedos bem visíveis, como os ursos. No entanto, era possível perceber que o dedão estava separado dos demais, uma formação típica dos primatas. E mesmo cobertas pela leve camada de neve que caíra durante a noite, era possível ter uma ideia das suas dimensões. Hodgson colocou a própria bota dentro de uma das pegadas, que coube folgadoamente.

Ele tentou interrogar Lhakpa assim que o guia acordou, sem sucesso. O *sherpa* estava irredutível, limitando-se a resmungar *Mi-goh* e apontar para os picos das montanhas, se recusando-se a falar sobre o assunto.

Mesmo sabendo que seu rifle leve pouco poderia fazer contra um urso tão gigantesco, Hodgson manteve a arma carregada e pronta para o uso, colocando-a junto aos ombros. Lhakpa seguia rápido pela trilha, obviamente querendo deixar a região o mais rápido possível, e Hodgson não poderia criticá-lo. Ursos não costumavam atacar as pequenas aldeias, mas caçadores solitários e viajantes descuidados costumavam desaparecer entre as montanhas. Eles seguiram sem descanso até o final da tarde, quando montaram acampamento perto de uma clareira. O jantar magro foi consumido rapidamente antes que os dois homens, exaustos, buscassem abrigo na pequena barraca.

A noite transcorreu sem maiores incidentes até o final da madrugada, quando os primeiros raios do sol invadiram a montanha. Lhakpa deixou a barraca para urinar, mas Hodgson só acordou ao ouvir o grito.

Ele lançou os cobertores para o lado e colocou o rifle a tiracolo. Três segundos depois, já deixara a barraca.

Lhakpa descia correndo a montanha, gritando.

Sem perda de tempo, Hodgson partiu em busca do amigo, mas perdeu preciosos segundos para calçar as botas, algo imprescindível para quem se propunha a correr entre as montanhas.

Praguejando baixinho, saltou para a trilha. A neve afundava sob suas botas e era difícil manter-se em pé, com o rifle na mão, enquanto tentava descer rapidamente por uma trilha repleta de rochas escondidas e pedregulhos soltos. Lhakpa desapareceu das suas vistas, mas ainda estava ao alcance de seus ouvidos. Na imensidão das montanhas, era possível ouvir os gritos do *sherpa* com clareza.

Ele desceu mais uma centena de metros quando ouviu um baque surdo e um grito agudo. Então, o silêncio.

Hodgson parou e engatilhou o rifle antes de prosseguir, com mais cautela. Ele desceu mais uma dezena de metros e contornou um paredão abrupto. Lhakpa estava logo após, em uma poça de sangue, como se fosse uma rosa desabrochando no meio da neve. Ele tentava segurar os próprios intestinos, que teimavam em escorregar para o lado de fora.

Hodgson correu até o *sherpa*, mas pouco havia a ser feito a não ser oferecer a companhia em seus derradeiros momentos. Lhakpa murmurou algo e Hodgson abaixou-se para ouvir. Então, o *sherpa* apontou para baixo, junto aos pinheiros.

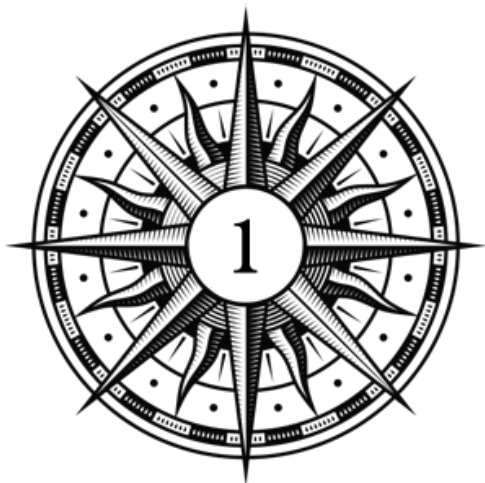
Ali, encoberto entre as árvores, um vulto espreitava-os. Hodgson ergueu o rifle e apontou para baixo, mas o vulto desapareceu entre os troncos. Lhakpa apertou a calça de Hodgson, que se virou. O guia engasgava-se em sangue. Hodgson abaixou-se, ainda com a arma em punho, o suficiente para ouvir o derradeiro suspiro de seu companheiro.

— *Mi-goh*.

Sozinho, Hodgson levaria ainda sete dias para achar a trilha até o acampamento. Equipes de busca haviam partido dias atrás, mas nenhum deles contornara a montanha. O naturalista chegou exausto de fome e de frio e precisou de uma semana no hospital de Kamandtuku para recuperar as forças. Hodgson retornaria às montanhas no próximo verão e lideraria dezenas de expedições, mas nunca mais veria nenhum sinal da criatura. Em seus escritos, ele transcrevera o que ouvira falar dos nativos.

Alguns o chamam de demônio, outros, de homem selvagem. Eles nunca o caçavam e tinham medo deles. Independentemente de mítica ou real, sempre era descrito como uma criatura grande, que andava ereta e coberta de longos cabelos escuros e sem cauda.





LONDRES

51°30'N 0°07'O
Londres, Inglaterra
Vários anos depois

O BARRACUDA PARTIU DE MANAUS NUMA SEXTA-FEIRA CHUVOSA E, após quase dois meses, aproximou-se do porto de Liverpool. Cabogramas enviados pelo líder da expedição, Lorde John Roxton, a seus amigos e à Sociedade Real Britânica prometiam um grande anúncio que se sucederia no porto. Uma arquibancada fora montada junto às docas e os hotéis da região lotaram com boa parte da sociedade científica e militar inglesa. Mas quando os jornalistas descobriram a presença da srta. Mary Ann Woodhouse na expedição, o alarde foi inevitável.

Dada como desaparecida há alguns meses, quando abandonou o marido, o naturalista Gideon Mantell, que lhe roubara a primazia da descoberta do dente fossilizado de um iguanodonte, Mary Ann partira clandestinamente na viagem que tencionava buscar o Professor Challenger na selva amazônica. E à despeito de sua ousada participação nos rumos da expedição,

eram os detalhes sobre o fim do seu malfadado casamento que apimentavam as conversas nos cafés e bares.

Mas o prenúncio da soberba descoberta que fora prometida deu lugar aos mexericos. No dia marcado, centenas de pessoas aglomeravam-se no porto, disputando espaço com os estivadores, marinheiros e demais trabalhadores, que praguejavam de tempos em tempos. A expectativa ficou ainda maior quando a figura esguia e severa de Lorde Roxton apareceu no convés, e atingiu as raias do absurdo quando Mary Ann Woodhouse foi chamada, trajando as suas roupas de exploradora, que incluíam calças compridas e botas, escandalizando metade das mulheres presentes e arrancando suspiros de admiração das mais jovens. O clímax, no entanto, deu lugar a um silêncio opressivo quando um rugido que lembrava um balido muito grave surgiu de dentro do navio.

Roxton e Mary Ann, após um breve discurso, fizeram um sinal para o imediato, que gritou com seus homens. Alguns minutos depois, os marinheiros içaram para fora uma besta selvagem, do tamanho de dois elefantes africanos adultos, com um pescoço curto, dentes avantajados e placas coriáceas de um tom esverdeado espalhadas pelo dorso, formando um padrão manchado. O monstro, um iguanodonte adulto capturado nas selvas brasileiras, baliu mais uma vez.

O que se seguiu foi assunto para os jornais pelas próximas semanas. Alguns homens e mulheres mais sensíveis desmaiaram. Naturalistas de todas as especialidades simplesmente deixaram o decoro para outra hora e saltaram das suas cadeiras até o barco, tentando, a todo custo, aproximar-se. Cientistas berravam de um lado para o outro, exigindo explicações, as medidas e até mesmo os hábitos alimentares da criatura. Jornalistas corriam e saltavam como pulgas, incapazes de decidir se a notícia mais suculenta estava entre a reação indecorosa dos cientistas e nobres presentes, ou junto à criatura, que parecia desorientada após tantos dias escondida no porão de carga.

No meio de tudo isso, ainda havia a questão do sr. Mantell, que exigia falar com a esposa que voltara ou, como ele berrava a todos os pulmões, a sua *companheira de investigação científica*. Mas, assim como o seu dente, Gideon seria sumariamente ignorado após o evento. Semanas depois, por influência de Lorde Roxton e pressão de boa parte da comunidade científica, ele foi obrigado a assinar os papéis do divórcio, passando à Mary Ann, ainda, metade dos ganhos provenientes do livro sobre o fóssil do iguanodonte que publicara apenas em seu nome, apesar das contribuições da ex-mulher.

Não que Mary Ann precisasse do dinheiro. Convidada para proferir palestras em diversas comunidades científicas, recebera uma bela quantia ao vender a exclusividade das suas aventuras para um jornal. Nos próximos meses, o livro com a transcrição do seu diário, editado pelo próprio punho de Arthur Conan Doyle, seria publicado.

Ela alugou uma casa perto do Hyde Park, onde passou a viver sozinha, com uma cozinheira, a Srta. Penny Loose, e uma governanta irlandesa, de longos cabelos vermelhos e plebeia até a alma, como dizia quando já estava um pouco ébria, situação recorrente. Mas Mary Ann apreciava o tom irônico e quase blasfemo da sra. McCarthy e a contratara sem pestanejar.

No maior cômodo da casa, instalara uma biblioteca cada vez mais repleta de livros e relatos sobre a exploração de todas as partes do mundo. Era ali que recebia os jornalistas e outros cientistas. Fora ali que decidira que o iguanodonte seria levado para um lugar especial no zoológico de Londres e que, por enquanto, ficaria longe do público. O espécime único merecia ser estudado com método e tranquilidade. Assim que ele se adaptasse ao seu novo lar, uma área construída para elefantes e que estivera vazia desde que o último paquiderme morrera dois anos atrás, haveria uma nova discussão sobre as visitas abertas ao público.

Fora ali também que ela recebera a visita de Vesper Porter, a sua única sobrinha. A sua irmã, Catarina, recusara-se a entrar na casa, ainda muito

irritada com a audácia de Mary Ann em fugir de casa, abandonar o marido e, para a sua eterna vergonha, retornar à sociedade com calças compridas. Quando perguntada por um jornalista sobre o que achava da irmã famosa, ela teria dito que não entendia tanto alarde por causa de um bicho qualquer. A afirmação, embora desmentida mais tarde, ainda era reimpressa sempre que a família de Mary Ann era mencionada.

A conversa de meia hora — tempo máximo estabelecido por Catarina — serviu para que as duas matassem a saudade e para que Mary Ann confirmasse as suas suspeitas. Vésper estava crescendo uma mulher linda, forte e independente. O legado de exploração dos Woodhouse não terminaria com ela.

Duas semanas após este encontro, quando completara quase três meses do seu retorno à Londres, Mary Ann decidiu ir ao teatro. Não frequentara nenhuma atividade cultural desde que desembarcara do Barracuda, a não ser as intermináveis conferências científicas e um ou outro recital organizado após os jantares promovidos pelos mecenas da *Royal Society*. Lorde Roxton a convidou e, como o decoro convinha, a levou para a *Royal Opera House* junto com a própria irmã solteira, Helena. Os três assistiram à peça, jantaram em um pequeno e charmoso restaurante em Covent Garden e Lorde Roxton a deixou em sua casa exatamente às vinte e duas horas e trinta minutos.

Às vinte e duas horas e quarenta e um minutos, uma carruagem deixou a residência de Mary Ann às pressas, correndo pelas ruas escuras de Londres até alcançar uma pequena doca do Tâmis, já em Kent. Ali, um vulto, com um saco na cabeça, foi empurrado para dentro de uma embarcação escura. O navio, batizado de Pequod, partiu logo após.

